

Crianças ritalinadas, mas *concertadas*: medicamentos para o TDAH, a doença do não aprender e do não se comportar na escola

Silvano Aparecido Redon (UEPG)
silvano.redon@ifpr.edu.br

1 Introdução

Tema pertinente à psiquiatria infantil e à educação, o TDAH, transtorno do déficit de atenção com hiperatividade, é considerado um dos diagnósticos psicopatológicos mais determinados a crianças e adolescentes em idade escolar (RIBEIRO; VIEGAS; OLIVEIRA, 2019; GARBARINO, 2020). Apresentado como um transtorno do neurodesenvolvimento responsável pelas manifestações desatentas, impulsivas e hiperativas (APA, 2014), tem sido respondido, de um modo geral, com intervenções farmacológicas cujo tratamento de primeira escolha são medicamentos produzidos a partir de cloridrato de metilfenidato, no Brasil, comercializados com nomes como Ritalina e Concerta.

Prescritos a crianças que apresentam a doença do não aprender e do não se comportar na escola (MOYSÉS; COLLARES, 2010), esses medicamentos teriam a finalidade de corrigir uma disfunção orgânica que prejudicaria os processos de escolarização, porém, do mesmo modo que o TDAH é um dos transtornos mais controversos da psiquiatria infantil, por vezes acompanhado do adjetivo suposto e relacionado ao processo de medicalização, seu tratamento também tem sido questionado por envolver o uso de medicamentos - prescritos a crianças e adolescentes em estágio de desenvolvimento físico e psíquico - que acarretam reações adversas que acometem todos os sistemas do organismo. Conforme Moysés (2012), um dos efeitos mais notáveis do metilfenidato, a obediência, é relatado na literatura médica como “efeito zumbi”, indício de toxicidade, sinal de que seu uso precisa ser suspenso, e não de efeito terapêutico, como o informa a psiquiatria. Além disso, ao se retirado, pode gerar aumento no índice de vulnerabilidade a outras drogas devido ao seu efeito estimulante - dados levantados pela

autora em clínicas de tratamento de jovens por drogadição mostram que entre um terço à metade deles utilizaram Ritalina.

2 Desenvolvimento

Esse trabalho é parte de uma pesquisa em andamento realizada junto ao Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Estadual de Ponta Grossa (PPGE/UEPG) que busca compreender as representações sociais que os(as) profissionais da escola e as famílias de crianças diagnosticadas com TDAH e matriculadas no Ensino Fundamental I da rede pública de um município paranaense têm sobre esse transtorno. No âmbito desta comunicação, serão destacadas algumas considerações sobre o uso do metilfenidato. Esta pesquisa foi submetida e aprovada pelo Comitê de Ética Envolvendo Seres Humanos (CEP/UEPG).

De um modo geral, essa substância tem sido usada como a primeira e única opção de tratamento para o TDAH e prescrita desde a primeira consulta, conforme apontaram as famílias participantes desta pesquisa:

Ele só toma Ritalina (...). Eu acho que o caso dele podia ser de psicólogo, mas o médico não pediu, e no posto, a gente não consegue.

Foi bem rápido. Já deu a Ritalina e ele tá tomando já tem três anos.

Na primeira vez ele já deu. Agora a gente vai pra buscar a receita (...). [O médico] só passou o remédio.

Seus efeitos adversos são comumente relatados pelas famílias e pelos(as) profissionais da educação:

Têm mães que dizem que dão, mas a gente sabe quando não dão. Ele tira a fome, o apetite. Quando a criança não quer tomar o lanche, não quer ir pra fila do almoço, a gente sabe que tomou. Quando ela tem apetite, é porque a mãe não deu em casa (professora).

A Ritalina é muito forte. Ela apaga, ela some com a criança (professor).

Ele fica quieto demais, não come, não brinca, fala que dá dor de cabeça, o estômago dele dói quando ele come (família).

Ele fica abobado. Dá muito sono. Eu acho que ele só dorme lá [na escola] (...). Ele emagreceu muito, tá miudinho, mas ele não come (família).

Mesmo apresentando importantes reações adversas, o metilfenidato é uma das drogas mais consumidas no país por ser o tratamento privilegiado para o TDAH, e as famílias, também capturadas por um viés biologizante e medicalizante que perpassa a sociedade, mesmo quando fazem críticas ao medicamento, justificam a continuidade do seu uso às crianças por se tratar de recomendação médica, indicação considerada legítima, e de pressões da escola. Assim, os discursos competentes (CHAUI, 1997) parecem orientar as práticas das famílias, que também sofrem com os problemas apresentados pelas crianças.

Ainda que fazendo o uso de uma substância que teria a finalidade de melhorar a aprendizagem por normalizar a atenção e o comportamento, muitas delas não aprendem, o que sugere que o TDAH não se restringe a um problema orgânico, intrínseco às crianças. De acordo com as famílias:

Mas ele já vai pro quinto ano. Ele não sabe ler nada. Só copia. Até o nome dele, ele só faz copiando.

A preocupação é que ele ainda não sabe ler, nem escrever. A professora fala que cada criança tem o seu tempo, que ele vai conseguir, mas ele vai pra quarta série.

Eu me preocupa com o ano que vem. Porque ele já vai pro ginásio (...). A matemática ele sabe somar. Só. Se você der uma conta mais difícil, ele não sabe fazer. Ele ainda conta nos dedos. A letra dele, parece que ele tá no primeiro ano.

Apoiados na Teoria Histórico Cultural, questionamos a naturalização do comportamento e da atenção/desatenção, problemas que prejudicariam a aprendizagem e cuja solução passaria pelo tratamento farmacológico. Conforme Santos e Tuleski (2020), o medicamento não promove o desenvolvimento das funções psicológicas superiores, como a atenção e o comportamento voluntários, e uma vez retirado, as escolas não terão construído recursos para o enfrentamento do problema. Do mesmo modo, trata-se de questionar o que, para além do diagnóstico, pode estar originando os comportamentos

considerados desatentos e agitados. Se outrora os problemas de escolarização foram justificados por deficiências culturais ou nutricionais, o TDAH e a Ritalina têm sido, atualmente, destacados como a causa e a solução para tais problemas.

3 Considerações Finais

Subsidiadas pelo processo de medicalização da vida, pretensas explicações biologizantes têm sido constantemente acionadas para justificar os impasses da escolarização, cuja resolutividade implicaria o uso de medicamentos. A Ritalina, que já foi acusada de promover o “genocídio do futuro” (MOYSÉS, 2013), tem sido a opção de primeira escolha para o atendimento a crianças com dificuldades de aprendizagem escolar associadas ao TDAH. Por meio de uma visão biologizante da educação, que considera a atenção e o comportamento como naturais, e de uma visão técnica e reducionista diante dos diferentes modos de ser e de aprender, essas crianças recebem um medicamento que impacta, de forma negativa, suas trajetórias escolares e sua saúde. Popularmente conhecida como a droga da obediência, o medicamento tem servido a respostas precárias e imediatistas que reduzem a complexidade do processo de aprendizagem a erros, disfunções neurológicas que precisam ser *concertadas*.

Referências

- APA - American Psychiatric Association. *Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais: DSM V*. Artmed: São Paulo, 2014.
- Chauí, M. *Cultura e democracia: o discurso competente e outras falas*. São Paulo: Cortez, 1997.
- GARBARINO, M. I. Mercado-ciência e infância: a psicanálise no debate sobre medicalização e ato educativo. *Estilos da Clínica*, v. 25, n.1, 2020.
- MOYSÉS, M. A.; COLLARES, C. A. L. Dislexia e TDAH: uma análise a partir da ciência médica. In: Conselho Regional de Psicologia de São Paulo (org.). *Medicalização de crianças e adolescentes: conflitos silenciados pela redução de questões sociais a doença de indivíduos*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010.

MOYSÉS, M. A. A. Epidemia não é de transtornos mentais, e sim de diagnósticos [Entrevista concedida]. *Record News*, 05 de set. de 2012. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=72CGUfTFknk>>. Acesso: 09 de fev. de 2021.

_____. A ritalina e os riscos de um 'genocídio do futuro' [Entrevista concedida]. *Portal Unicamp*, 05 de ago. de 2013. Disponível em: <<https://www.unicamp.br/unicamp/noticias/2013/08/05/ritalina-e-os-riscos-de-um-genocidio-do-futuro>>. Acesso: 08 de fev. de 2021.

_____. Brasil é o segundo maior consumidor mundial de Ritalina. [entrevista concedida]. *Globo News*, 29 de nov. de 2010. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=MTFOb2bLjLA&t=664s>>. Acesso: 19 de jun. de 2019.

RIBEIRO, M. I. S.; VIÉGAS, L. S.; OLIVEIRA, E. C. O diagnóstico de TDAH na perspectiva de estudantes com queixa escolar. *Práxis Educacional*, Vitória da Conquista, v. 15, n. 36, 2019.

SANTOS, D. F. M.; TULESKI, S. C. Medicalização do sistema de progressão continuada: inclusão ou omissão? *Fractal Revista de Psicologia*, v. 32, n. 2, 2020.